

14 contos de Kenzaburo Oe

Seleção e tradução
Leiko Gotoda

Introdução
Arthur Dapieve



Copyright © 2011 by Kenzaburo Oe. Collection of stories

Todos os direitos reservados.

Introdução © 2011 by Arthur Dapieve

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Jacob Lebentsztayn

Revisão

Luciana Baraldi

Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oe, Kenzaburo

14 contos de Kenzaburo Oe / seleção e tradução Leiko Gotoda ; introdução Arthur Dapieve. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1979-0

i. Contos japoneses. I. Gotoda, Leiko. II. Dapieve, Arthur. III. Título.

II-10328

CDD-895.635

Índice para catálogo sistemático:

i. Contos : Literatura japonesa 895.635

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- 7 *Introdução* — Arthur Dapieve
- 15 O armazém zoológico
- 51 Salte sem olhar
- 96 Os pássaros
- 108 Em outro lugar
- 121 Exultação
- 161 A convivência
- 193 *Seventeen*
- 240 O homem sexual
- 316 A semana do idoso
- 331 Aghwii, o monstro celeste
- 364 Em português brasileiro
- 387 O nascimento de uma nova Izumi Shikibu
- 405 Viver em paz
- 424 A dor de uma história
- 453 Sobre o autor

O armazém zoológico

PERSONAGENS:

Zelador do armazém
Escriturária
Funcionário de circo
Estudante

CENÁRIO:

Interior de um modesto escritório anexo a um armazém, boca da noite. Ao fundo, uma extensa porta provida de postigo dá acesso ao armazém; à esquerda, outra porta leva a um jardim externo.

Ambiente sombrio, mobiliário parco, pobre e tosco, e personagens semelhantes a pequenos animais, miseráveis em sua humanidade.

Pela porta que leva ao jardim chegam rugidos de animais selvagens e o ruído de um caminhão partindo; quando os sons se distanciam, entram pela porta o zelador do armazém e a escriturária, ambos exaustos.

Zelador:

— Está vendo? Anoiteceu por completo. Isso acontece toda vez que há animais para despachar. E nem por isso recebemos hora extra.

Escriturária:

— A culpa é do pessoal administrativo que não planeja as coisas direito. Agora, por exemplo, foram um elefante, cinco texugos e uma ave-do-paráíso. Esse pessoal precisa aprender a calcular o tempo com folga suficiente quando temos de despachar tantos animais de uma única vez, não acha?

Zelador:

— Hoje foi um dia atípico porque tivemos uma avestruz doente. Eu não sei lidar com avestruzes doentes. A coitada gemeu sem parar.

Escriturária:

— Mas, no fim, deu tudo certo.

Zelador:

— Claro! (*joga-se numa cadeira*) Quase nunca tenho problemas ao lidar com animais. Cuido deste armazém há trinta anos e já supervisionei recebimentos e despachos de inúmeros tipos de carga. No meio disso, houve muitos bichos importados por zoológicos e circos. Mas eu nunca deixei nenhum morrer, nem mesmo um esquilo. Tenho uma bela folha de serviço. Tanto é verdade que, mal um navio aporta trazendo animais, eles são logo encaminhados para este armazém, que eu supervisiono.

Escriturária (*apurando o ouvido*):

— Que silêncio! Chega a dar medo, não é?

Zelador:

— Hum...

Escriturária:

— Até há pouco, havia uma barulheira danada nesta sala com o urso urrando e o avestruz gemendo, mas, agora, nem o chiado de um rato se ouve...

Zelador:

— Todos os ratos fugiram, apavorados com esse magnífico exemplar de jiboia. Até amanhã à tarde acho que eles estarão de volta, correndo pelo armazém.

Escriturária:

— Estou me sentindo um pouco triste.

Zelador:

— Hum...

Escriturária:

— Eu não sou do tipo que gosta de bichos, entende? Mas, ainda assim, sinto uma espécie de solidão quando todo um bando que estava aqui conosco até há pouco desaparece de uma vez. O ambiente fica frio demais, sinto até que vou pegar um resfriado...

Zelador:

— Esse tipo de frio a gente não sente nem mesmo depois de despachar toneladas de pele de carneiro.

Escriturária:

— Vou tratar de pôr o livro do caixa em dia e ir-me embora em seguida, mas só depois de tomar um banho de banheira no prédio da administração. É para evitar que as pessoas olhem feio para mim no trem...

Zelador (*cheirando a roupa*):

— Fede mesmo, o cheiro dos bichos é forte, impregna fundo... Mas até que esse cheiro não me é de todo desagradável (*cheira as mãos*). Acho que nem um homem que viveu trinta anos caçando nas savanas africanas tresandaria a tantas espécies de animais diferentes quanto eu, o zelador de um armazém portuário do Japão. Este cheiro me dá confiança...

Escriturária:

— Pois a mim me dá náusea e dor de cabeça.

Zelador:

— Enquanto tenho este cheiro fortemente impregnado em mim, sinto-me mais tranquilo e a sorte me sorri. Mas quando o cheiro se atenua, aos poucos começo a ficar irritado. E cometo uma série de pequenos deslizes. É então que passo a esperar ansiosamente a chegada de um outro navio que me traga novo carregamento de animais.

Escriturária:

— E quando virá o próximo?

Zelador:

— Deve chegar, no mínimo, mais um ainda este ano. Durante a guerra, a coisa ficou feia para mim... Nenhum bicho durante anos seguidos. Nem um único gato selvagem. Emagreci de puro estresse e, no final das contas, tive de me resignar... Depois, fui recrutado para trabalhar numa fábrica de alumínio até o fim da guerra.

Escriturária:

— Já vi que você realmente gosta de animais... Mas isso não significa que não gosta de seres humanos, não é?

Zelador:

— De seres humanos? Ah, mas não é uma questão de gostar ou não. Veja o urso, por exemplo: bom mesmo é aspirar o cheiro dele impregnado na pele deste ser humano que sou eu, entende? Meter o nariz diretamente no pelame de um urso e cheirá-lo é besteira. Não é coisa para um homem com mais de cinquenta anos fazer...

Escriturária:

— Ah, entendi: é o cheiro dos diversos animais impregnado em sua pele que lhe serve como uma espécie de esteio para você enfrentar o seu dia a dia...

Zelador:

— Agora você vai achar que a minha vida é uma bela porcaria...

Escriturária (*ignorando o comentário*):

— Fico observando esse monte de bichos e começo a pensar que o ser humano não é nada bonito, realmente...

Zelador:

— Pois eu nunca fui do tipo imaginativo, desde pequeno...

Escriturária:

— Quando vou a um banho público e me vejo rodeada de mulheres nuas desconhecidas, sinto uma coisa esquisita e não consigo nem me lavar direito. Nus e reunidos, os seres humanos são desgraciosos, repulsivos, indecentes. Já os animais, ao contrário, mesmo nus e aos bandos, não são feios... A avestruz doente foi um caso à parte: ela havia perdido as penas por causa da doença e aquela pele vermelha exposta parecia obscena, não gostei nada daquilo...

Zelador (*bocejando*):

— Aquela ave deu muito trabalho, eu nunca tinha lidado com uma avestruz doente.

Escriturária:

— Quando eu ficava olhando muito tempo para ela, me dava dor de cabeça e enjoo... Do mesmo jeito que fiquei nos meus tempos de ginásiana quando uma amiguinha safada me mostrou um desenho pornográfico... Tive enjoo, dor de cabeça...

Zelador (*solidário*):

— Você anda trabalhando demais. Está cansada, exausta. Que tal tirar umas férias?

Escriturária:

— Mesmo que tirasse, eu não teria para onde ir. Só posso ficar dormindo no meu quartinho escuro de pensão...

Zelador:

— Às vezes, faz bem sair com um rapaz, ir a um cinema...

Escriturária:

— Nenhum rapaz gosta de sair com uma mulher que cheira mal, como bicho. Um, que certa vez foi comigo a um concerto, não acreditou em mim, por mais que eu explicasse que o cheiro era de texugo e não meu.

Zelador:

— Estou para levar meus filhos ao zoológico no próximo domingo...

Escriturária:

— Você gosta tanto assim de animais?

Zelador:

— Tem hora que eles também me enchem a paciência. Mas as crianças imaginam que as pessoas, quando se tornam adultas, acabam capazes de suportar qualquer coisa... Por outro lado, acho que a educação infantil tem mesmo de surtir esse efeito.

Escriturária (*bocejando*):

— E eu já estou com quase trinta anos e continuo me arrastando nesta vida monótona...

Zelador:

— Pois uma vida cheia de altos e baixos não é boa.

Escriturária:

— Às vezes, chego a querer que estoure uma guerra... Eu disse isso para o estudante que faz biscate aqui no armazém, mas o rapaz fez uma cara neutra e se fechou em copas.

Zelador:

— Será que ele é comunista?

Escriturária:

— Parece que não se interessa nem um pouco por movimentos pacifistas. Mas eu o ouvi dizer que queria ir para o Egito...

Zelador (*bocejando*):

— Egito, é...? Caravanas no deserto... Sabe que cheiro de camelo é muito difícil de tirar? Como é que fazem para desodorizar as camisas feitas com a pele desse animal, hein?

Escriturária (*fechando o caderno*):

— Estou realmente cansada. Você pode ir primeiro que eu vou em seguida, depois de arrumar as coisas por aqui.

Zelador:

— Está bem.

Escriturária (*erguendo-se*):

— Eu até poderia viajar se tivesse alguma economia.

Zelador:

— Está esfriando cada vez mais. Acho que é por causa do vento que vem do porto. A partir da próxima leva, precisaremos de aquecimento nas jaulas da maioria dos animais.

(*Soam passos apressados e alguém bate à porta.*)

Escriturária (*em voz alta*):

— A porta está aberta. Entre, por favor...

(*Entra o homem do circo com expressão ansiosa. Está apavorado.*)

Homem do circo:

— Boa noite...

Zelador:

— Os documentos estavam todos em ordem, não estavam? Será que o homem da transportadora esqueceu alguma coisa?

Homem do circo:

— Vocês não notaram nada diferente por aqui, notaram?